

Diálogo sobre a Ressurreição de Gil Vicente

Figuras: Rabi Levi, Rabi Samuel, Rabi Aroz e Dous Centúrios.

Entra Rabi Levi e diz:

LEVI – Quem com mal anda, dizia Jacob,
Rabina Rabasse, Rabi Mousem,
não cuide ninguém que lhe venha bem,
nem é bem que alguém haja dele dá.
Quem com mal anda, chora e não canta;
quem só se aconselha, só se depena;
quem não faz mal, não merece pena:
quem chora ou canta, fadas más espanta.
Dizia minha mãe Gemilha saborida:
filho, não comas, não rebentarás;
se sempre calares, nunca mentirás;
come e folga, terás boa vida.
Dizia meu pai Mosé Rabizarão:
não comas quente, não perderás o dente;
quem não mente, não vem de boa gente;
não achegues à forca, não te enforcarão.
Dizia meu dono, cuja alma Deus tem:
não peques na lei, não temerás rei;
se tu te guardares, eu te guardarei;
quem sempre faz mal poicas vezes faz bem.
Dizia meu tio Rabi mal logrado filho Jacob,
o que fazes dizia, Jacob badear,
achega-te cá, quero-te ensinar:
não sejas pobre, morrerás honrado;
fala com Deu, serás bom rendeiro;
quando perderes, põe-te de lodo;
se nada ganhares perde-lo-ás
todo se sempre perderes nam sejas siselro.
SAMUEL – Que falas? que falas? azara te veio?
LEVI – Ando cuidando naquele coitado
daquele Messias que jaz enterrado.
Todo o que dixei foi devaneio:
dixei que havia de ressuscitar.
SAMUEL – Quando, meu dono?
LEVI – Assi digo eu.
Daqueles guarados nenhum pareceu
que lá ontem foram pera o guardar.
SAMUEL – Ele dizia que o dia terceiro.
LEVI – Que negro chanto, que guarra seria!
SAMUEL – Não falemos nisso, tudo é bulraria:

pois ele seria o Deus verdadeiro?
 Falemos em ai, Rabi Samuel,
 outras lazeiras há i que contar;
 leix'o jazer. Queres arrendar
 comigo fia renda? Se fores fiel,
 arrenda comigo este ano que vem.

LEVI – Que renda?

SAMUEL – Ua renda.

LEVI – E não tem nome?

Vê tu se é tal; que o demo me tome,
 se não arrendar, se me vier bem.

Vem dous Centúrios, e diz Levi:

LEVI – Que doilos há lá? que foi? que quereis?

CENTÚRIO – Vimos pasmados.

LEVI – De que? que achastes?

Centúrios Vimos...

LEVI – Que vistes? de que vos pasmastes?

Que é? que foi? dizei, que dizeis?

CENTÚRIO – Estando dormindo,...

LEVI – Dou-lhe que fosse.

CENTÚRIO – Esta madrugada...

LEVI – Pela manhã cedo,
 estavas dormindo, sonhaste com medo.

Ora ouvi aquilo, – sonhando espantou-se!

CENTÚRIO – Não quereis ouvir?

LEVI – Ouvimos, contai

há-de ser um sonho, que viu um espanto;

ũa adivinhação, um conto, um chanto,

ũa patranha. Contai, acabai.

Sonhaste esta madrugada.

estando dormindo... Eu vos lembrarei.

CENTÚRIO – Ficai-vos embora, já não contarei.

SAMUEL – Digo que oivamos esta gente honrada.

LEVI – Ora dizei. Tudo há-de ser vento.

CENTÚRIO – Não é senão cousa de que vos pasmeis.

de grande segredo. Oivi se quereis,

e sabereis caso de gran perdimento.

LEVI – Sonhou que perdia na sisa do trigo;

á demo me dou se foi oitra coisa.

como dormia debaixo da loisa,

estava abafado.

CENTÚRIO – Olhai o que digo:

Já Cristo desd'hoje...

SAMUEL – Que há-de fazer?

Centúrio Saiu do sepulcro.

SAMUEL – Furtado seria:

CENTÚRIO – Mas resuscitado com grande alegria:

vede vós outros como isto há-de ser.

LEVI – Que cabeças estas! que chamo nos veio
pera juízes de Ponte de Loures!

Tudo isso eram os vossos tremores?

Monta ao todo um grão de centeio.

CENTÚRIO – Ouvi os sinais, porque os creais.

Na hora, no ponto que resuscitou,

toda a cabeça se me depenou,

e venho pelado.

LEVI – Há i mais sinais?

2º CENTÚRIO – E eu desdentado; má ora nasci:

somente um dente m'a mim não ficou.

O santo Diabo m'a mim lá levou.

SAMUEL – Abre essa boca, vejamos se é assi:

já cerrou a cava: á desventurado,

andaste às punhadas com algum rascão,

e quebroi-te os dentes, porque és vilão,

e cuidas que o outro é resuscitado.

LEVI – Melhor viva eu e meu filho Jacá,

que s'ele levante daquele penedo.

Em dias que vivas, não hajas tu medo

que nunca o encontres com outro, nem só.

CENTÚRIO – Ser eu muito certo que estou bem pelado,

e, além de pelado, tolhido de um braço.

LEVI – Arrepelaram-te à porta do paço:

olhai que milagre pera ser soado!

2º CENTÚRIO – E estes dedos - que dizes, Rabi?

que nenhũa unha não ficou comigo.

SAMUEL – Mostra, veremos que houveste contigo.

2º CENTÚRIO – Atenta se minto, que vê-las aqui.

SAMUEL – Digo-te, amigo, que foram unheiros,

ou foi dor dos cabos nas pontas dos dedos,

e não nos curaste, com medo dos medos.

Mas estes milagres não são verdadeiros;

não digais nada à nossa comuna,

não façais rumor no nosso casal.

CENTÚRIO – Pois que diremos que foi este mal?

Ou que remédio à nossa fortuna?

LEVI – Dirás que arrendaste na sisa dos panos,

ou nos azeites do haver do peso;

e que arrepelaste um homem travesso,

sobre razões, haverá dous anos;

e que agora te arrepelou,

e mais que t'estortegou esse braço;

e est'outro, vendo-te em tal embaraço,

por te acudir, que foi e empeçou,

e deu Vos focinhos n'um feno d'arado,

e quebrou os dentes, unhas e todo.

E assi em todo ponde-vos de lodo,

do chanto e da guaia, todo misturado.

SAMUEL – Entendeis aquilo, homem de bem?
 Toma um vintém para a cabeleira.
 Tu come das papas, não terás denteira;
 e compra ùas luvas, ou furt'as a alguém.
 Nem digas que é vivo, que pola bênção
 de Rabi Ascalvado, e de Dona Sol,
 que vos tenchemos dentro n'um lençol,
 e a capeladas morrereis ou não.

(Vão-se os Centúrios)

SAMUEL – Falemos, saltemos no arrendamento.
 Levi Rabi Samuel, mais releva isto.
 Quiçais era santo este Jesu Cristo,
 que ele o mostrou em seu finamento;
 o sol escureou, e a terra tremeu.
 SAMUEL – Eu te direi a verdade inteira,
 Tremeu minha casa, caiu cantareira.
 Quebrou-se a loiça, todo se perdeu,
 até o pichel que tinha d'azeite;
 fendeu-se-me um pote, quebrou-me tigejas,
 bacios, candeeiros, panelas;
 não ficou vinagre, nem em que o deite.

LEVI – Vamo-nos ora a Rabi Aroz,
 e a Rabi Franco, e a Rabi Zarão:
 far-lhe-emos menção daquesta razão;
 que se isto é verdade, o demo é na voz.
 Falemos também a Rabi Mosé,
 e a Jacob lendroso, e Abraão pelado.
 Saibamos se este é o nosso esperado,
 vejamos se foi, se é, se não é.

Vem Rabi Aroz, e diz:

AROZ – Leixai-me passar.
 Bem venhas, irmão; pera onde vás?..
 SAMUEL – Ora está quedo, e não sejas grou,
 que voa pelo ar, e anda pelo chão
 Ora atenta nisto.
 Tu saberás que acerca de Cristo
 tens bem que ouvir, e nós que falar.
 AROZ – Não posso escutar, que vou campear,
 e se lhe tardar, bem sabes tu isto
 em que pode parar;
 porque este bolção não tem cerradouros.
 Samuel Aperta-lhe a boca, até qu'isso passe.
 AROZ – Pois em que agora um rei me falasse,
 eu lhe diria, – Senhor, vou-me a Mouros: –
 ou lhe diria:

– vou despachar fia mercadoria,
 que está empachada à porta redonda. –
 Desta te abasta e isto t'abonda.
 SAMUEL – Disso te fartes de noite e de dia
 no tempo da monda.
 LEVI – Pois vamos contigo, iremos falando,
 fama é que Cristo, depois de enterrado,
 da hopa neta é resuscitado.
 Guai dos tristes que estavam guardando!
 Uns ficam pelados,
 outros sem dentes, e braços quebrados,
 outros sem unhas pera fazer prol;
 e todos o viram, fora do lençol,
 sair do penedo, todos acordados,
 em saindo o sol.

AROZ – Pois eram quarenta com armas armados,
 não no podiam prender oitra vez?
 Que razão essa de siso de pez!
 AROZ – Pois não no prenderam, merecem matados.
 LEVI – Quem há-de prender
 aquele que tem tão grande poder?
 Seu corpo açoutado daquela feição,
 e ùa lançada pelo coração!
 AROZ – Sicaes não foi morto, e pode bem ser...
 LEVI – Que negra razão!
 Se fora doença de que se finara,
 e posto na cova se alçara e vivera;
 puderas dizer que esmorecera
 e perdera os pulsos, mas a alma ficara.
 Mas bem vimos nós,
 e tu bem o sabes, Dom Rabi Aroz,
 que só dos açoutes, que mais não vivera,
 e que o soltaram, daquilo morrera;
 e só da coroa, também crede vós
 que não guarecera.
 Pois só de levar a cruz tão pesada
 pola serra acima homem tão delgado,
 disto somente ficaria matado;
 que são já três mortes, cada ùa apertada.
 E verão os cegos
 que só do tormento que levou dos pregos,
 fora matado um drago feroz,
 quanto mais a lançada. Crê. Rabi Aroz,
 que fomos às lebres, tomámos morcegos;
 esta é a minha voz.
 SAMUEL – E a minha também, e acabo de crer
 que é este o Messias nosso desejado;
 porque Isaías, profeta amado,
 falou deste tudo o que havia de ser;

e Ezequiel,
 Amos, Salomão, David, Daniel,
 todos falaram no seu resurgir.
 Este é o Messias, sem mais arguir;
 este é o honrado nosso Emanuel;
 o al é mentir.

AROZ – Meu pai arrendou üas alcaçarias
 junto do termo de Vila Real,
 com tal condição, que durasse o foral
 até que viesse o nosso Messias.
 Ora m'escutai.

Juro pola alma que foi de meu pai,
 que está a cousa bem embaraçada.
 Estai ambos quedos, não boquejeis nada,
 não fale ninguém, vereis como vai esta emborilhada.

Meu pai era dono d'üa filha minha,
 e minha mãe filha de meu dono torto,
 e um meu irmão, que morreu no Porto,
 era mesmo tio dos filhos qu'eu tinha:
 tudo assi vai.

E minha mulher, nora de meu pai;
 e meu pai, marido de sua mulher;
 e sua mulher era sogra da minha.
 Assi indo fomos, de linha em linha,
 até que meu pai veio a morrer.

Meu pai falecido,
 vai minha mãe e perdeu o marido,
 e fez-se viúva, e as alcaçarias
 foram do pai da mãe de Tobias,
 filha de Dom Donegal dolorido,
 que morreu nas Pias.

E quando se fez a tomada de Arzila,
 Dona Franca Pomba casou em Buarcos
 com Bento Capaio, capador dos gatos,
 que furando alporcas, morreu em Tavila.

Em aqueles dias
 se fez o contrato das alcaçarias,
 e David Ladainhas da manga cagada
 leixou assentado, que vindo o Messias
 que as alcaçarias, não tendo elas nada,
 que fossem vasias.

Segue-se logo, se Cristo é Messias,
 que é salvador destas alcaçarias,
 e ficarão livres, e postas em cobro;
 porém eu creio que o que diz meu sogro
 é tudo vento, e são fantasias;
 e pecais em dobro.

Porque, se fora o que nós esperamos,
 levará os Judeus, povo de Israel,

à terra que mana o leite e o mel,
que é nossa herança, que de Deus herdamos.

LEVI – Não que ele dizia
que essa herança que não se entendia
senão que havemos de resuscitar,
assi como ele, pera nos levar
à mesma herança que Deus prometia,
lhe ouvi eu pregar.
Porque essas farturas que a terra antremete,
foram criadas pera os animais,
e que o Deus poderoso essas coisas tais
não nas estima, nem dá, nem promete;
e que o Messias,
se bem entendermos nossas profecias,
não vinha a fadar os corpos de mel.
Também tu assi estavas, Rabi Samuel?
Tu, Rabi Aroz, bem vi que dormias,
e Zarababel.

AROZ – Pois que faremos sobre isto em tanto'?

LEVI – Que nos calemos em nosso calado:
quem quer que dixer que é resuscitado.
dar-lhe-ei (ia figa debaixo do manto:
e leixai estar;
que seja verdade, calar e negar.
Ter mão na Sinagoga, que nos dá reparo;
que sabendo-o o povo, é nosso o fadairo:
e se o aventar,
cada sacerdote lhe compre estudar
pera boticairo.

Tenhamos todos mui bem que comer,
que farte, e sobeje pera todo o ano.
Tratemos em cousas em que caiba engano,
e se nos perdermos, não pode mais ser.

AROZ – Sabes que receio?

O mal que fizemos é crime tão feio,
que já Jeremias nos chorou primeiro.

LEVI – Fundemo-nos todos em haver dinheiro;
porque quer seja nosso, quer seja alheio,
é Deu verdadeiro.

E ter mão na burra. Que dizeis, Aroz?

AROZ – Façamos talmud com tantas patranhas,
com que embaracemos tamanhas façanhas,
antes que metam a frota na foz.

E por simular,
ordenemos festa com algum cantar,
porque não entendam que somos vencidos.

Chacota na mão, fender os ouvidos
a quem nos ouvir. Alto, começar

a tratar dos vestidos, e cabecear.

LAUS DEO.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 1999

<http://www.ipn.pt/literatura>
